

COM QUEM ESTARIA A RAZÃO ?

O DESEMBARQUE ALIADO, VISTO PELOS ALEMÃES

Tradução do original alemão "SIE KOMMEN",
pelo Capitão NEY SALLES

Estamos no fim da tarde de domingo, 4 de junho de 1944. O sol já se pôs, e todavia faz calor, como é normal em começos de junho, na costa da França. Na praia, em tom solene, ouve-se quebrar a ressaca, pausada por um surdo rumor.

Olhando o céu, viam-se nuvens escuras amontoadas, dando a impressão de que o tempo ia virar e talvez indicando que os lindos dias já tivessem acabado.

Quando virão eles? Era essa a interrogação dominante. Com efeito, tudo ficava na dependência do tempo que iria fazer. O tempo é que responderia à pergunta.

As preocupações iam especialmente para o serviço de meteorologia. O certo é que o inimigo teria forçosamente de vir pelo ar e pelo mar, o que implicava em certo número de condições prévias. Com mau tempo não seria conveniente qualquer manobra de desembarque; se chovesse e o teto estivesse baixo não poderia haver proteção aérea. Mesmo em condições ideais, eles não viriam em pleno dia, mas ao alvorecer, a fim de se aproximarem da costa sob a capa da escuridão. Era necessário que a maré se invertesse ao amanhecer, permitindo a abordagem no comêço do fluxo ou refluxo.

As previsões, no entanto, indicavam mar encapelado, visibilidade má, ventos e chuvas abundantes e teto baixo. Não se precisaria dizer mais nada. Sim. Mas amanhã? Não se esperava nos próximos dias qualquer melhoria do tempo, mesmo passageira. Bom negócio! Novas condições não se produziriam na costa da França antes da segunda quinzena de julho. Com êste tempo eles não viriam!

Eram semanas que se podiam ganhar e se aproveitariam no aperfeiçoamento das defesas costeiras. Mas estas, não estavam prontas? Não estava, tôda a costa, desde Brest até Cherbourg, completamente fortificada? Não — infelizmente, o caso não era êsse. A Muralha dó Atlântico na realidade só existia, em 1944, no Passo de Calais.

Aliás, no restante da costa, compunha-se ela apenas de uma série de pontos de apoio, muito espaçados e em parte inacabados. As baterias costeiras estavam insuficientemente dotadas de material. As

tropas não eram aguerridas e na sua maioria os contingentes eram formados por soldados idosos, doentes recuperados e prisioneiros de guerra. As reservas escasseavam. O dispositivo rareava, existindo em alguns casos, entre os ninhos de resistência, espaços abertos de 3 a 5 km e Divisões defendendo setores de até 60 km, como era o caso da 709ª D.I. Não se podia pensar em impedir ao inimigo desembarcar.

O Alto Comando alemão, com efeito, ainda não firmara decisão sobre a maneira de conduzir as operações nessa frente. As opiniões divergiam e eram em alguns casos diametralmente opostas.

O Marechal von Rundstedt e o Gen von Schweppenburg, respectivamente comandante-em-chefe da frente ocidental e comandante-em-chefe do exército blindado de reserva do T. O., queriam travar a batalha decisiva no interior, enquanto o Marechal Rommel, comandante de Gr Ex, preconizava a batalha na vizinhança imediata das cabeças de pontes.

Do outro lado da Mancha, um verdadeiro exército aguardava o dia D. O supremo segredo tinha de ser mantido, apesar dos esforços dos alemães para desvendá-lo.

O Alto Comando aliado conseguira instalar na França uma vasta organização de espionagem. Naturalmente, o essencial era coordenar as ações dessa organização. Decidiu-se, portanto, transmitir as ordens por meio do rádio. Os primeiros versos do poema de Verlaine, sobre o outono, constituiria o código escolhido na transmissão; em meio a outras mensagens, significaria que o dia da invasão estava próximo. A partir desse momento, a escuta deveria tornar-se permanente. A invasão estava iminente. Os três últimos versos indicariam que o desembarque ia operar-se dentro de quarenta e oito horas.

Era uma concepção hábil, mas a espionagem alemã descobriu-a. A partir de então, os postos de escuta foram alertados, aguardando o poema.

Não se trata aqui de lenda ou história inventada. Foi o que sucedeu. Nenhum tiro fôra ainda disparado. Os bombardeiros aliados mal começavam a levantar vôo, os comboios a singrarem o mar e os pára-quedistas a movimentarem-se, e o segredo já transpirara. Nenhum oficial ou soldado alemão, sequer, a 6 de junho, devia ter sido surpreendido pela invasão. Ninguém no entanto quis acreditar... O certo é que o êxito do Serviço Secreto alemão foi inútil e resultou infrutífero.

A noite de 5 para 6 foi em toda parte consagrada aos simples trabalhos rotineiros.

Uma noite sem estrélas. Às 21 h 15, foi captada a emissão dos últimos versos do poema de Verlaine. Simultaneamente, os postos de escuta assinalaram crescente atividade aérea.

O dia 6 de junho ainda não despontava e exatamente à zero hora milhares de pára-quedistas americanos e ingleses lançavam-se sobre a França, nas embocaduras do Vire e do Orne, como prólogo à invasão.

Era exatamente uma hora e onze minutos da madrugada de 6, quando no PC do 84º CEx, em Saint-Lô, foram recebidos os informes dos desembarques aéreos. Imediatamente foi dado o alarma. Sucessivamente, este propagou-se aos batalhões, companhias, baterias, pontos de apoio e ninhos de resistência.

Desta vez eles vêm! Era a invasão. Não podia haver mais dúvida, apesar do mau tempo e da maré baixa. Começara a Batalha da Normândia!

Às quatro e um quarto, a esquadra de invasão apareceu diante dos cinco pontos de desembarque escolhidos ao longo da costa. Um dilúvio desabou sobre todo o setor costeiro, impedindo abastecimentos e reforços. Sim, é ela que chega, a frota de desembarque. Eis que da frota se despreendem as barcaças de desembarque, num incessante vaivém.

Cerca das cinco e vinte, inicia-se o assalto. Chegam à praia as primeiras barcaças, vomitando verdadeiras ondas de homens e material.

A reação alemã não se fez esperar. Na cabeça de praia "Utah", no setor americano, esta surgiu às 0900 h do dia 6 de junho. Alertado pelo rumor da batalha que chegava até Carentan, o 6º Regimento de Pára-quedistas alemão pôs-se em marcha. A articulação do regimento fazia-se em grupamentos de combate à base de batalhão: o 1º Btl, na direção Sainte Marie-du-Mont-la-Madaleine; o 2º, na direção de Turqueville; o 3º, conservado em reserva, para garantir a segurança de flanco.

A entrada em ação dos Btl iniciou-se em condições favoráveis, mas ficaram sob fogos de Sainte-Mère-Eglise e Sainte-Marie-du-Mont. Reforços vindos do norte, só muito tardiamente entraram em ação e logo foram detidos, em sua progressão, pelos pára-quedistas americanos.

Ao meio-dia, o 1º Btl apoderou-se de Sainte-Marie-du-Mont, a cerca de 6 km da costa. Bastaria agora que o 2º Btl, que alcançou Turqueville, atacasse na direção da costa, atravessando a zona inundada e a cabeça de praia Utah seria aferrolhada.

Estava-se a dois passos do êxito!

Infelizmente, o Btl não pôde realizar a ação, colhido que foi pelos fogos vindos de Sainte-Mère-Eglise. Quanto ao 1º Btl, desprotegido em seu flanco, não pôde ir além de Sainte-Marie-du-Mont.

Foi, portanto, essa pequena aldeia de Sainte-Mère-Eglise que impediu nesse dia o 6º Regimento de Pára-quedistas alemão de se empenhar a fundo na direção da costa.

Nos 6 km de frente, do setor chamado "Omaha", de repente desencadeou-se a trovoadade explosões. Na concepção de manobra americana, as tropas desembarcadas deviam apoderar-se da praia de surpresa, quase sem dar um tiro. A maré estacionara, o mar não se retirava mais, porém o fluxo também não chegara. Havia 800 m de terreno limpo a serem percorridos.

O escalão de assalto havia-se jogado dos seus lanchões à água, absolutamente convicto de que não encontraria resistência. Foi, pois, uma decepção quando a metralha ceifou, na água, a primeira vaga de assaltantes. Às oito horas, nenhum soldado de infantaria americano lograra alcançar as dunas ao longo da costa. Falhou desse modo o plano. Contudo, o desembarque prosseguia, apesar da destruição e da morte.

As oito e trinta, a conclusão dos relatórios americanos podia considerar-se esta: — a Muralha do Atlântico mantém-se bem.

Como podia ser uma coisa dessas? Como era possível essa capacidade de resistência dos alemães? O serviço de informações aliado foi induzido ao erro, por passar-lhe despercebido o reforço desse setor por mais uma D. I. alemã.

Todavia, a infantaria estava lançada. Restava decidir o prosseguimento ou não da operação. Foi, então, ordenado à frota que repetisse os tiros da preparação, sem levar em conta os elementos já desembarcados.

Foi a decisão capital! Os resultados não se fizeram esperar. Em resumo, toda a defesa alemã acabaria por sucumbir, a não ser que viesse o contra-ataque salvador e repelisse os americanos para o mar. Mas esse não veio. Se do lado alemão não foi aproveitado esse momento crítico, do lado americano ele foi superado, permitindo a marcha de todo o seu I Ex.

Os ingleses receberam a missão de desembarcar na costa ocidental de Calvados, entre Arromanches e Ouistreham, ao norte de Calais. Sua frente de ataque estendia-se por cerca de 30 km. O ataque devia romper a posição alemã com colunas blindadas, fazendo junção com os pára-quedistas desembarcados a leste do Orne, durante a noite.

Após o bombardeio aéreo e quarenta minutos antes do nascer do sol, a artilharia naval abria fogo, iniciando a invasão nos três setores que tinham recebido os nomes convencionais de "Gold", "June" e "Sword".

Os primeiros a desembarcar não foram soldados de infantaria! Na ponta da vanguarda, estavam os blindados. Assim se passaram as coisas nos três setores. Em dois pontos, a LPR fôra rompida. Por essas brechas se insinuaram duas Brigadas Bld e duas D I inglesas.

Mas, em toda parte os tiros dos defensores acolheram os assaltantes ingleses e em numerosos pontos violentos e rápidos contra-ataques destruíram uma parte dos CC e trancaram à infantaria o acesso aos seus objetivos.

As coisas pareciam tomar rumo sério. A última palavra ainda não fôra dada, nem perdida a última possibilidade. Os alemães ainda poderiam ter ganho êsse primeiro lance. Um contra-ataque de envergadura poderia ter varrido essas cabeças de praia. Todavia, quando se produziu o contra-ataque alemão?

O emprêgo de blindados teria sido, mais do que em qualquer outra parte, adequado. Era o "agora ou nunca" de fazer oscilar o equilíbrio, a um tempo incerto e precário.

Enquanto isso, a 21ª D B alemã, G U Bld mais próxima, esperava de arma engatilhada, em sua zona de reunião. Só às seis e trinta recebeu ordens de deslocar-se.

Por causa do perigo de ataque aéreo, a base de partida é atingida ao norte de Caen, no começo da tarde. Da tarde de 6 de junho! O primeiro contra-ataque blindado alemão vai enfim desencadear-se. Oito horas após o desembarque, o que significa pelo menos com seis horas de atraso.

"Para a costa", era a palavra de ordem.

O ataque penetrou como faca em manteiga entre as cabeças de praia "Juno" e "Sword", que não tinham ainda conseguido fazer junção. Elementos de infantaria blindada chegaram com grandes dificuldades até a costa. Luc-Sur-Mer e Lion-sur-Mer são os nomes das duas aldeias atingidas, fazendo junção com os pontos de apoio alemães que ainda resistiam.

Se os carros de combate chegassem! Sim, se os CC fôssem até lá! Mas, infelizmente, os carros tiveram menos sorte. Chocaram-se com a sólida defesa anticarro inglesa e tornou-se evidente que não conseguiriam passar. Contudo, nessa noite de 6 de junho, a situação tinha muito de dramático e trágico: o caminho permanecia aberto até a costa. A infantaria abriu-o à viva força e aguardava os seus carros de combate.

Porém, Montgomery percebe o perigo. Se aquela fenda não fôsse tamponada, adeus tentativa de desembarque. Por isso, em presença do perigo, não hesitou um só instante: empenhou regimento sobre regimento, no setor do ataque alemão.

As tremendas conseqüências tornaram-se patentes. A aviação alemã esteve ausente do ar o tempo inteiro. A infantaria desprotegida ficou detida. A única D B em combate era insuficiente para explorar o êxito inicial.

Ia chegar o momento da decisão!

Deixar os aliados penetrarem ou concentrarem esforços para derrotá-los nas praias? Eis as opiniões divergentes, de Rundstedt e de Rommel.

Com quem estaria a razão?

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

De países amigos:

- “Rivista Militare” — Roma, Itália — ns. 5 e 6, de Mai e Jun/66.
- “Boina Negra” (Revista Paracaidista) — Madri, Espanha — n. 37, de Mai/Jun 66.
- “Educação Física, Desportos, Saúde Escolar” — (Revista do Ministério de Educação Nacional de Portugal) — Ano I, n. 4, de Out 65.
- “Revista de las Fuerzas Armadas de la Nación” — Assunção, Paraguai — n. 191, Jan/Abr 66.
- “França em Revista” — (edição da Embaixada Francesa) — Boletins ns. F-512 a F-515, de 1966.
- “Guardacostas” — Revista oficial de la Prefectura Nacional Marítima, Secretaria de Marina — Buenos Aires, Argentina — Abr/Jun 66.

NACIONAIS

- “Boletim do Clube Naval” — n. 186, de 1966.
- “Revista de Intendência” — Set/Out e Nov/Dez, 62.
- “Revista Militar Brasileira” — Abr/Jun 66.
- “Petrobrás” — Relatório de atividades (65).
- “Banco do Brasil” — Relatório (65).
- “Revista do Conselho Nacional de Economia” — n. 3, de Set/Dez 65.
- “Carta Mensal” (CNC-SESC) — Abr 66.
- “Digesto Econômico” — Mai/Jun 66.

PEDE-SE PERMUTA

PIEDESE CANJE

WE ASK FOR EXCHANGE

ON DEMANDE L'ECHANGE

MAN BITTET UM AUSTAUSCH